

MAIS DE 170 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

KEN FOLLETT



O TERCEIRO GÊMEO

ALGUNS SEGREDOS JAMAIS DEVEM SER REVELADOS

O TERCEIRO
GÊMEO

Título original: *The Third Twin*

Copyright © 1996 por Ken Follett
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Bruno Fiuza e Roberta Clapp

preparo de originais: Melissa Lopes

produção editorial: Guilherme Bernardo

revisão: Ana Grillo e Luis Américo Costa

capa: Blacksheep

adaptação de capa e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

imagens de capa: Cavan Images | Alamy Stock Photo (estacionamento);
russellkord.com | age fotostock (silhueta);

Jay Pasachoff | SuperStock (constelação de Gêmeos)

impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724t

Follett, Ken, 1949-

O terceiro gêmeo / Ken Follett ; [tradução Bruno Fiuza,
Roberta Clapp]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.
464 p. ; 23 cm.

Tradução de: The third twin

ISBN 978-65-5565-206-2

1. Ficção inglesa. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp, Roberta.

III. Título.

21-72224

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Aos meus enteados
Jann Turner, Kim Turner e Adam Broer,
com amor.*

DOMINGO

CAPÍTULO UM

UMA ONDA DE CALOR se abateu sobre Baltimore feito uma mortalha. Os subúrbios arborizados eram refrescados por centenas de milhares de irrigadores de jardim, mas os abastados moradores permaneciam dentro de casa, com o ar-condicionado no máximo. Na North Avenue, prostitutas letárgicas se protegiam nas sombras e suavam sob as perucas, e os jovens parados nas esquinas vendiam drogas, que carregavam nos bolsos das bermudas largas. Era final de setembro, mas o outono ainda parecia muito distante.

Com a lente de um dos faróis quebrada e remendada com fita isolante, um Datsun branco todo enferrujado cruzava um bairro operário branco ao norte da cidade. O carro não tinha ar-condicionado, e o motorista estava com todas as janelas abaixadas. Ele era um homem bonito de 22 anos vestindo uma bermuda jeans com a barra desfiada, uma camiseta branca limpa e um boné vermelho com a palavra SEGURANÇA em letras brancas na frente. O estofamento sintético sob suas coxas estava escorregadio por conta do suor, mas ele não ia deixar que aquilo o incomodasse. Estava de bom humor.

O rádio do carro estava sintonizado na 92Q (“Vinte sucessos na sequência!”). No banco do carona havia um fichário aberto. O jovem olhava para ele de tempos em tempos, memorizando uma página digitada com termos técnicos para um teste que faria no dia seguinte. Tinha facilidade para aprender e após alguns minutos de estudo teria decorado o conteúdo.

Em um semáforo, uma mulher loura em um Porsche conversível parou ao lado dele.

– Belo carro! – disse ele para ela com um sorriso.

A mulher desviou o olhar sem dizer nada, mas ele teve a impressão de ter visto um leve sorriso se insinuar no rosto dela. Usando óculos escuros de lentes grandes, ela provavelmente tinha o dobro da idade dele, como a maioria das mulheres dirigindo um Porsche.

– Vamos apostar corrida até o próximo sinal? – sugeriu ele.

Ela riu da proposta, uma gargalhada musical e sedutora, então levou sua mão fina e elegante ao câmbio, passou a primeira e disparou como um foguete.

Ele deu de ombros. Não custava nada tentar.

Passou pelo campus arborizado da Universidade Jones Falls, uma das melhores do país, muito mais requintada do que a que ele frequentava. Em frente ao imponente portão, um grupo de umas dez mulheres passou correndo com roupas de ginástica: shorts justos, tênis Nike, camisetas suadas e tops. Ele imaginou se tratar do time de hóquei sobre a grama, e a jovem sarada à frente do grupo parecia ser a capitã comandando o treino, garantindo que as demais estivessem em forma para a próxima temporada.

Elas entraram no campus e, de repente, ele foi dominado por uma fantasia tão poderosa e excitante que mal conseguiu enxergar por onde ia. Ele as imaginou no vestiário – a mais gordinha se ensaboando no chuveiro, a ruiva enxugando seus longos cabelos cor de cobre com uma toalha, a negra vestindo uma calcinha de renda branca, a capitã com jeito de sapatão caminhando nua, exibindo seus músculos – quando então acontecia alguma coisa que as aterrorizava. De repente todas entravam em pânico, olhos arregalados de pavor, gritando e chorando, à beira do desespero. Elas corriam para um lado e para outro, esbarrando umas nas outras. A gorda caía e ficava deitada no chão, choramingando desamparada, e as demais pisavam nela, desatentas, enquanto tentavam desesperadamente se esconder, encontrar a porta ou fugir do que quer que as estivesse assustando.

Ele parou no acostamento e colocou o carro em ponto morto. Respirava com dificuldade e podia sentir o coração martelando no peito. Aquela havia sido a melhor que já tivera. Mas um pequeno pedaço da fantasia ficara faltando. Por que elas estavam com tanto medo? Procurou a resposta em sua imaginação fértil e ficou sem ar de tanta empolgação quando ela veio: um incêndio. O lugar estava em chamas e elas ficaram apavoradas com o fogo. Tossiam e engasgavam com a fumaça enquanto corriam sem direção, seminuas e frenéticas.

– Meu Deus – sussurrou ele, olhando para a frente, vendo a cena como um filme projetado no para-brisa do Datsun.

Depois de um tempo, ele se acalmou. O desejo ainda era forte, mas a fantasia não era mais suficiente: era como pensar em uma cerveja quando se está morrendo de sede. Levantou a barra da camiseta e enxugou o suor do rosto. Sabia que deveria tentar esquecer aquela fantasia e seguir em frente, mas era maravilhosa demais. Seria terrivelmente perigosa – ele passaria anos na cadeia se fosse apanhado –, mas o perigo nunca o impedira de fazer nada na vida. Lutou para resistir à tentação, ainda que apenas por um segundo.

– Eu quero fazer isso – murmurou, fazendo a volta com o carro e cruzando o imenso portão para dentro do campus.

Ele já havia estado lá antes. A universidade se espalhava por 40 hectares de gramados, jardins e bosques. Os prédios eram em sua maioria feitos de tijolos vermelhos, com algumas estruturas modernas de concreto e vidro, todos conectados por um emaranhado de ruazinhas estreitas ladeadas por parquímetros.

O time de hóquei havia desaparecido, mas ele encontrou facilmente o ginásio: era um prédio baixo próximo a uma pista de corrida, e havia uma grande estátua de um lançador de disco do lado de fora. Estacionou ao lado de um parquímetro, mas não colocou uma moeda nele: nunca colocava dinheiro em parquímetros. A musculosa capitã do time de hóquei estava parada nos degraus na frente do ginásio, conversando com alguém. Ele subiu correndo a escadaria, sorrindo para a capitã ao passar por ela, e empurrou a porta para entrar no prédio.

O saguão estava cheio de rapazes e moças de shorts e faixas no cabelo passando de um lado para outro, com raquetes nas mãos e bolsas esportivas penduradas nos ombros. Sem dúvida, a maioria dos times da faculdade treinava aos domingos. Havia um segurança sentado atrás de uma mesa no meio do saguão, verificando as carteirinhas de estudante das pessoas, mas naquele momento um grande grupo de corredores entrou e passou pelo guarda, alguns agitando suas carteirinhas, outros se esquecendo de fazê-lo, e o guarda apenas deu de ombros e continuou lendo *A zona morta*.

O desconhecido se virou e observou umas taças de prata expostas em uma caixa de vidro, troféus recebidos por atletas da Jones Falls. Um minuto depois, um time de futebol entrou, dez homens e uma mulher corpulenta com chuteiras, e ele rapidamente se misturou a eles. Cruzou o saguão como se fosse parte do grupo e os seguiu por uma ampla escadaria até o subsolo. Estavam conversando sobre o jogo, dando risada de um gol que haviam feito por sorte e indignados com uma falta escandalosa, e não o notaram.

Ele caminhava de um jeito casual, mas seus olhos estavam atentos. Ao pé da escada havia um pequeno saguão com uma máquina automática de refrigerantes e um telefone público. O vestiário masculino dava para o saguão. A mulher do time de futebol percorreu um longo corredor, provavelmente indo para o vestiário feminino, que devia ter sido adicionado posteriormente por um arquiteto que imaginou que nunca haveria tantas garotas na Jones Falls.

O desconhecido tirou o telefone do gancho e fingiu procurar uma moeda. Os homens entraram no vestiário. Ele observou a mulher abrir uma porta e desaparecer. Aquele devia ser o vestiário feminino. *Elas estão todas lá dentro*, pensou ele com entusiasmo, *se despindo, tomando banho e se esfregando com toalhas*. Estar tão perto delas fez seu corpo se aquecer. Ele enxugou a testa com as costas da mão. Tudo que precisava fazer para completar a fantasia era deixá-las todas mortas de medo.

Tentou se acalmar. Não iria estragar tudo por agir com pressa. Precisava de alguns minutos de planejamento.

Quando todos desapareceram, ele desceu o corredor atrás da mulher.

Havia três portas ao longo do corredor, uma de cada lado e outra no final. A mulher havia entrado na da direita. Ele verificou a porta no final e descobriu que levava a uma sala grande e empoeirada cheia de máquinas volumosas: caldeiras e filtros para a piscina, supôs. Entrou e fechou a porta.

Havia um zumbido baixo, elétrico. Ele imaginou uma garota delirando de medo, vestindo apenas a lingerie – visualizou um sutiã e uma calcinha com estampa floral –, deitada no chão encarando-o com olhos aterrorizados enquanto ele desafivelava o cinto. Saboreou a visão por um momento, sorrindo consigo mesmo. Ela estava a apenas alguns metros de distância. Naquele momento, a garota devia estar pensando na noite que se aproximava: talvez tivesse um namorado e estivesse pensando em deixá-lo fazer o que quisesse mais tarde; ou poderia ser uma caloura, solitária e um pouco tímida, sem nada para fazer no domingo à noite a não ser assistir a uma série na TV; ou talvez ela tivesse um trabalho para entregar no dia seguinte e planejasse ficar acordada a noite toda para terminá-lo. *Nenhuma das opções acima, querida. Chegou a hora do pesadelo.*

Ele já havia feito aquele tipo de coisa antes, embora nunca em tal escala. Sempre havia gostado de assustar as meninas, desde que se entendia por gente. No ensino médio, não havia nada de que ele gostasse mais do que pegar uma garota sozinha em um canto em algum lugar e ameaçá-la até que ela comesse a chorar e implorasse por misericórdia. Era por isso que ele estava sempre precisando mudar de escola. Às vezes tinha encontros com garotas, só para ser como os outros caras e ter alguém com quem entrar de mãos dadas em um bar. Se elas davam a entender que queriam, ele até transava com elas, mas sempre parecia algo meio sem sentido.

Todo mundo tinha um fetiche, acreditava ele: alguns homens gostavam de se vestir de mulher; outros, de ter uma garota com roupas de couro

andando sobre eles com sapatos de salto alto. Um cara que ele conhecia achava que a parte mais sexy de uma mulher eram os pés: uma vez ficou de pau duro na seção de calçados femininos de uma loja de departamentos vendo-as calçar e tirar sapatos repetidamente.

O fetiche dele era o medo. O que o excitava era uma mulher tremendo de pavor. Sem medo não havia excitação.

Olhando ao redor minuciosamente, notou uma escada fixada na parede, levando a uma escotilha de ferro trancada. Subiu rapidamente a escada, girou os ferrolhos e abriu a escotilha. Pegou-se olhando para os pneus de um Chrysler New Yorker em um estacionamento. Orientando-se, percebeu que estava na parte de trás do prédio. Fechou a escotilha e desceu.

Saiu da sala de máquinas da piscina. Enquanto caminhava pelo corredor, uma mulher vindo na direção oposta lançou-lhe um olhar hostil. Teve um momento de ansiedade: ela poderia perguntar a ele que diabo estava fazendo perto do vestiário feminino. Não havia imaginado um bate-boca do tipo. Naquele momento, isso poderia arruinar seu plano. Mas os olhos dela se ergueram na direção do boné dele e, ao assimilarem a palavra SEGU-RANÇA, ela desviou o olhar e entrou no vestiário.

Ele abriu um sorriso. Havia comprado o boné por 8,99 dólares em uma loja de suvenires. Mas as pessoas estavam acostumadas a ver seguranças vestindo calças jeans em shows de rock, policiais que pareciam criminosos até mostrarem seus distintivos, agentes federais em aeroportos usando suéteres; dava muito trabalho questionar as credenciais de cada idiota que se dizia segurança.

Tentou a porta do lado oposto ao vestiário feminino. Abriu e viu que dava em um pequeno depósito. Ligou a luz, entrou e fechou a porta.

Equipamentos de ginástica obsoletos estavam empilhados ao redor dele em prateleiras: bolas pretas pesadas, colchonetes gastos, bastões de madeira, luvas de boxe mofadas e cadeiras dobráveis de madeira lascadas. Havia um cavalo para saltos com estofamento estourado e uma perna quebrada. O cômodo cheirava a mofo. Um grande cano prateado corria ao longo do teto, e ele supôs que o duto fornecesse ventilação para o vestiário do outro lado do corredor.

Estendeu a mão e tateou os parafusos que prendiam o cano ao que parecia ser um ventilador. Não conseguiu girá-los com os dedos, mas havia uma chave inglesa no porta-malas do Datsun. Se ele conseguisse soltar o duto, o ventilador puxaria o ar do depósito em vez do ar do lado de fora do prédio.

Ele iniciaria o incêndio bem abaixo do ventilador. Pegaria uma lata de gasolina, colocaria um pouco em uma garrafa de vidro vazia e a levaria até lá junto com alguns fósforos e um jornal para ajudar a acender.

O fogo cresceria rapidamente e produziria enormes ondas de fumaça. Ele amarraria um pano úmido sobre o nariz e a boca e esperaria até que o depósito estivesse completamente enfumaçado. Em seguida, soltaria o duto do ventilador. A fumaça seria puxada para dentro do tubo e bombeada até o vestiário feminino. De início, ninguém notaria. Então uma ou duas sentiriam o cheiro no ar e perguntariam: “Tem alguém fumando?” Ele abriria a porta do depósito e deixaria o corredor se encher de fumaça. Quando as garotas se dessem conta de que havia algo muito errado, escancarariam a porta do vestiário, teriam a impressão de que o prédio inteiro estava pegando fogo e entrariam em pânico.

Então ele entraria no vestiário. Haveria um mar de sutiãs e meias, seios e bundas nus e pelos pubianos. Algumas estariam correndo para fora do chuveiro, nuas e molhadas, procurando por toalhas; outras estariam tentando se vestir; a maioria estaria correndo em busca da porta, parcialmente cegas pela fumaça. Haveria choro, soluços e gritos de medo. Ele continuaria a fingir ser um segurança e gritaria ordens para elas: “Não parem para se vestir! É uma emergência! Saiam! O prédio inteiro está em chamas! Corram, corram!” Daria tapas em suas bundas nuas, as empurraria, arrancaria suas roupas e as apalparia. Elas perceberiam que havia algo muito errado, mas a maioria delas estaria perturbada demais para tentar entender. Se a musculosa capitã do time de hóquei ainda estivesse lá, ela poderia ter a presença de espírito necessária para desafiá-lo, mas ele simplesmente a nocautearia.

Percorrendo o vestiário, ele selecionaria sua principal vítima. Seria uma garota bonita com aparência vulnerável. Ele pegaria no braço dela, dizendo: “Por aqui, por favor, estou com a equipe de segurança.” Levaria a garota para o corredor e depois viraria para o lado errado, entrando na sala de máquinas da piscina. Lá, quando ela achasse estar a caminho de um lugar seguro, ele lhe daria um soco no rosto, outro na barriga e a jogaria no chão de concreto sujo. Ele a observaria rolar, virar e se sentar, ofegando e soluçando e olhando para ele com terror nos olhos.

Então ele daria um sorriso e desafivelaria o cinto.

CAPÍTULO DOIS

— QUERO IR PRA CASA – declarou a Sra. Ferrami.
– Fica tranquila, mamãe – disse sua filha Jeannie. – A gente vai te tirar daqui mais rápido do que você imagina.

A irmã mais nova de Jeannie, Patty, lançou-lhe um olhar que dizia: *Como você acha que a gente vai conseguir fazer isso?*

A casa de repouso Bella Vista Sunset era a única que o seguro de saúde da mãe delas cobria, e era péssima. O quarto tinha duas camas altas de hospital, dois armários, um sofá e uma TV. As paredes eram pintadas de marrom cor de cogumelo e o piso vinílico era cor de creme com listras alaranjadas. A janela tinha grades, mas não cortinas, e dava para um posto de gasolina. Havia uma pia no canto e um banheiro no final do corredor.

– Quero ir pra casa – repetiu a mãe.

– Mas, mamãe, você fica esquecendo as coisas, não consegue mais cuidar de si mesma sozinha – disse Patty.

– Claro que consigo. Não se *atreva* a falar comigo desse jeito.

Jeannie mordeu o lábio. Olhando para a carcaça do que antes era a sua mãe, sentiu vontade de chorar. A mulher tinha feições fortes: sobrancelhas pretas, olhos escuros, nariz reto, boca larga e queixo bem marcado. O mesmo padrão se repetia tanto em Jeannie quanto em Patty, embora a mãe fosse baixa e as duas fossem altas como o pai. Todas as três eram tão obstinadas quanto sua aparência sugeria: *intimidadoras* era a palavra geralmente usada para descrever as mulheres Ferrami. Mas a mãe nunca seria intimidadora novamente. Ela tinha Alzheimer.

Ainda não havia chegado aos 60. Jeannie, que tinha 29 anos, e Patty, com 26, haviam alimentado a esperança de que ela fosse capaz de cuidar de si mesma por mais alguns anos, mas o sentimento tinha sido destruído naquele dia, às cinco da manhã, quando um policial de Washington ligou para dizer que havia encontrado a mãe delas caminhando pela 18th Street vestindo uma camisola imunda, chorando e dizendo que não conseguia lembrar onde morava.

Jeannie entrou no carro e dirigiu de Baltimore até Washington, uma viagem de uma hora em uma tranquila manhã de domingo. Buscou a mãe na delegacia, levou-a para casa, deu-lhe um banho e a vestiu, e então ligou para

Patty. Juntas, as duas irmãs tomaram as providências necessárias para que a mãe fosse para a Bella Vista. Ficava na cidade de Columbia, entre Washington e Baltimore. Sua tia Rosa havia passado seus últimos anos lá.

– Eu não gosto daqui – comentou a mãe.

– A gente também não, mas neste momento só dá pra pagar isso – disse Jeannie.

A intenção dela tinha sido soar pragmática e racional, mas acabou sendo grosseira.

Patty lançou um olhar de reprovação para a irmã e interveio:

– Ah, mamãe, a gente já morou em lugares bem piores.

Era verdade. Depois que o pai delas foi preso pela segunda vez, as duas meninas e a mãe haviam morado em um quarto onde havia um fogareiro em cima de uma cômoda e uma torneira no corredor. Aquele foi o período em que viveram de auxílios do governo. Mas a mãe fora uma leoa na adversidade. Assim que Jeannie e Patty entraram para a escola, ela conseguiu uma senhora de confiança para cuidar das meninas quando elas voltassem para casa, arranhou um emprego – havia sido cabeleireira e, embora fosse antiquada, ainda era boa – e se mudou com elas para um pequeno apartamento de dois quartos em Adams-Morgan, que na época era um respeitável bairro operário.

Ela preparava rabanadas no café da manhã e mandava Jeannie e Patty para a escola com vestidos limpos. Depois arrumava os cabelos e se maquiava – quando se trabalha em um salão de beleza é preciso estar elegante –, e sempre deixava a cozinha impecável, com um prato de biscoitos sobre a mesa para quando as meninas voltassem. Aos domingos, as três limpavam o apartamento e lavavam a roupa juntas. A mãe sempre havia sido tão capaz, tão confiável, tão incansável, que era de partir o coração vê-la queixosa e desmemoriada em cima daquela cama.

A mulher franziu a testa, como se estivesse confusa, e disse:

– Jeannie, por que tem um brinco no seu nariz?

Jeannie tocou a delicada argola de prata e deu um meio sorriso.

– Mamãe, eu fiz um piercing no nariz quando era adolescente. Não lembra como ficou brava comigo por causa disso? Achei que fosse me expulsar de casa.

– Eu esqueço as coisas – respondeu a mãe.

– Eu me lembro muito bem – interveio Patty. – Achei a coisa mais legal do mundo. Mas eu tinha 11 anos e você, 14, e pra mim tudo que você fazia era ousado, estiloso e inteligente.

– Talvez fosse mesmo – disse Jeannie, com arrogância fingida.

Patty deu uma risadinha.

– Menos a jaqueta laranja.

– Nossa, aquela jaqueta. A mamãe acabou tacando fogo nela depois que eu dormi num prédio abandonado e fiquei cheia de pulgas.

– Eu me lembro disso – completou a mãe. – Pulgas! Uma filha minha!

Quinze anos depois ela ainda estava indignada com aquilo. De repente o clima ficou mais leve. Falar sobre o passado tinha feito as três se lembrarem de quão próximas eram. Era um bom momento para partir.

– É melhor eu ir – antecipou Jeannie, se levantando.

– Eu também – disse Patty. – Preciso fazer o jantar.

No entanto, nenhuma das duas se moveu em direção à porta.

Jeannie sentia como se estivesse largando a mãe, abandonando-a em um momento de necessidade. Ninguém naquele lugar a amava. Era sua família que deveria cuidar dela. Jeannie e Patty tinham que ficar com ela, cozinhar para ela, passar suas camisolas e ligar a TV em seus programas favoritos.

– Quando vou ver vocês? – perguntou a mãe.

Jeannie hesitou. Ela queria dizer: *Amanhã vou trazer seu café da manhã e passar o dia todo com você.* Mas era impossível: ela teria uma semana agitada no trabalho. Foi inundada pela culpa. *Como posso ser tão cruel?*

Patty a socorreu dizendo:

– Eu vou vir amanhã com as crianças. Vai ser legal.

A mãe não deixaria Jeannie escapar tão facilmente.

– Você também vem, Jeannie?

Jeannie mal conseguiu falar:

– Assim que eu puder. – Sufocando de tristeza, ela se inclinou sobre a cama e beijou a mãe. – Te amo, mamãe. Tenta se lembrar disso.

Assim que cruzaram a porta, Patty desatou em lágrimas.

Jeannie também sentiu vontade de chorar, mas era a irmã mais velha e muito tempo atrás tinha adquirido o hábito de controlar as próprias emoções enquanto cuidava de Patty. Colocou um braço ao redor dos ombros da irmã enquanto caminhavam pelo corredor estéril. Patty não era fraca, mas era mais flexível do que Jeannie, que era combativa e obstinada. A mãe sempre criticava Jeannie e dizia que ela deveria ser mais como Patty.

– Eu queria muito que a mamãe ficasse na minha casa, mas não tem como – lamentou Patty.

Jeannie concordou. Patty era casada com um carpinteiro chamado Zip.

Eles moravam em uma pequena casa geminada com dois quartos. O segundo quarto era compartilhado por seus três meninos. Davey tinha 6 anos, Mel tinha 4 e Tom, 2. Não havia onde colocar uma avó.

Jeannie era solteira. Como professora assistente na Universidade Jones Falls, ela ganhava 30 mil dólares por ano – bem menos que o marido de Patty, ela supunha – e tinha acabado de fazer sua primeira hipoteca para comprar um apartamento de quarto e sala, com a mobília parcelada no cartão de crédito. Um cômodo era uma mistura de sala de estar com copa e cozinha; o outro, um quarto com um armário embutido e um banheiro minúsculo. Se ela desse a cama para a mãe, teria que dormir no sofá todas as noites; e não haveria ninguém em casa durante o dia para vigiar uma mulher com Alzheimer.

– Eu também não tenho como levá-la comigo – admitiu Jeannie.

Patty demonstrou raiva em meio às lágrimas.

– Então por que você disse que a gente ia tirá-la de lá? É impossível!

Do lado de fora o calor era de derreter.

– Amanhã vou ao banco pedir um empréstimo. A gente a coloca num lugar melhor e eu complemento o dinheiro do seguro.

– Mas como você vai pagar o empréstimo depois? – perguntou Patty, pragmática.

– Eu vou ser promovida a professora adjunta, depois a professora titular, e vou receber pra escrever um livro e ser contratada como consultora por três conglomerados internacionais.

Patty sorriu em meio às lágrimas.

– Eu acredito em você, mas e o banco?

Patty sempre havia acreditado em Jeannie. Ela mesma nunca tinha sido ambiciosa. Sempre ficara abaixo da média na época da escola, casara-se aos 19 anos e largara tudo para criar os filhos sem qualquer arrependimento aparente. Jeannie era o oposto. Primeira da turma e capitã de todos os times esportivos, ela havia sido campeã de tênis e ingressara na faculdade com uma bolsa de estudos para atletas. Patty jamais duvidava de qualquer coisa que a irmã se dispusesse a fazer.

Mas Patty tinha razão: o banco não iria lhe conceder outro empréstimo tão pouco tempo depois de financiar a compra do apartamento. E ela havia acabado de começar como professora assistente: três anos se passariam antes que a considerassem para uma promoção. Quando chegaram ao estacionamento, Jeannie sugeriu desesperada:

– Então eu vou vender o meu carro.

Ela amava aquele carro. Era um Mercedes 230C de vinte anos, um sedã vermelho de duas portas com bancos de couro preto. Tinha sido comprado oito anos antes, com o prêmio de 5 mil dólares que ela recebeu por ter vencido um torneio universitário de tênis. Isso foi antes de virar moda ter um Mercedes velho.

– Provavelmente vale o dobro do que paguei por ele.

– Mas você vai ter que comprar outro carro – disse Patty, ainda impiedosamente realista.

– Tem razão. – Jeannie deu um suspiro. – Bom, eu posso dar aulas particulares. É contra as regras da universidade, mas provavelmente consigo uns 40 dólares por hora dando aula de reforço de estatística pros alunos ricos que foram reprovados na matéria em outras faculdades. Daria pra ganhar uns 300 dólares por semana, talvez. – Ela olhou a irmã nos olhos. – Você tem como arranjar algum dinheiro?

Patty desviou o olhar.

– Não sei.

– O Zip ganha mais do que eu.

– Ele vai me matar por te dizer isso, mas talvez a gente consiga contribuir com uns 75 ou 80 por semana – disse Patty por fim. – Vou ver se ele pede um aumento. Ele é meio tímido pra essas coisas, mas sei que merece e o chefe gosta dele.

Jeannie começou a se sentir melhor, embora a perspectiva de passar os domingos dando aulas para alunos de graduação atrasados fosse desanimadora.

– Com 400 dólares a mais por semana, a gente consegue arrumar um quarto só pra mamãe com banheiro privativo.

– Daí ela pode ter mais coisas dela por lá, como objetos de decoração e quem sabe alguns móveis do apartamento.

– Vamos pesquisar, ver se alguém conhece um lugar legal.

– Está bem. – Patty estava pensativa. – A doença da mamãe é hereditária, não é? Eu vi uma coisa assim na TV.

Jeannie meneou a cabeça.

– O Alzheimer precoce está relacionado a um defeito genético.

Jeannie lembrava que ficava localizado no cromossomo 14q24.3, mas aquela informação de nada serviria a Patty.

– Significa que a gente vai ficar igual à mamãe?

– Significa que existe uma boa chance de isso acontecer.

Ambas ficaram em silêncio por alguns instantes. A ideia da demência era algo quase aterrorizante demais para ser conversado.

– Fico feliz por ter sido mãe cedo – disse Patty. – Eles vão ter idade suficiente pra cuidarem de si mesmos quando isso acontecer comigo.

Jeannie percebeu a pontinha de reprovação. Assim como a mãe, Patty achava que havia algo de errado em ter 29 anos e não ter filhos.

– O fato de eles terem descoberto qual é o gene também é uma esperança. Isso significa que, quando a gente tiver a idade da mamãe, talvez seja possível injetar uma versão alterada do nosso DNA que não tenha o gene fatal.

– Eles mencionaram isso na TV. Tecnologia do DNA recombinante, não é isso?

Jeannie sorriu para a irmã.

– Isso mesmo.

– Viu, não sou tão burra assim.

– Nunca achei que você fosse burra.

– A questão é... o nosso DNA torna a gente o que a gente é... então, se alguém alterar o meu DNA, isso vai me tornar uma pessoa diferente?

– Não é só o seu DNA que torna você o que você é. É a sua criação também. O meu trabalho é exatamente sobre isso.

– Como está indo no emprego novo?

– Estou muito animada. Essa é a minha grande oportunidade, Patty. Muita gente leu o artigo que escrevi sobre criminalidade e se ela está presente ou não nos nossos genes.

O artigo, publicado no ano anterior, enquanto ela ainda estava na Universidade de Minnesota, levava o nome de seu professor supervisor acima do seu, mas ela é que havia feito a pesquisa.

– Até agora eu não sei se você acha que a tendência ao crime é hereditária ou não.

– Eu identifiquei quatro traços hereditários que *levam* ao comportamento criminoso: impulsividade, audácia, agressividade e hiperatividade. Mas a minha grande teoria é a de que há determinadas maneiras de se criar uma criança que neutralizam essas características e transformam criminosos em potencial em pessoas boas.

– Como você pode provar algo desse tipo?

– Estudando gêmeos idênticos criados separadamente. Gêmeos idênti-

cos têm o mesmo DNA. E, quando eles são adotados no nascimento ou se separam por algum outro motivo, são criados de maneira diferente. Então eu saio em busca de duplas de gêmeos em que um é criminoso e o outro, não. Depois, estudo como eles foram educados e o que os pais fizeram de diferente.

– O seu trabalho é muito importante – comentou Patty.

– Acho que sim.

– Precisamos descobrir por que hoje em dia tanta gente se torna ruim.

Jeannie fez que sim com a cabeça. Em suma, era exatamente isso.

Patty se voltou para o seu carro, uma perua Ford antiga e grandalhona, a traseira cheia de tralhas coloridas das crianças: um triciclo, um carrinho de bebê dobrável, uma variedade de raquetes e bolas e um imenso caminhão de brinquedo com uma roda quebrada.

– Dá um beijo nos meninos por mim, tá? – disse Jeannie.

– Pode deixar. Te ligo amanhã depois de visitar a mamãe.

Jeannie pegou as chaves, hesitou, depois foi até Patty e a abraçou.

– Te amo, mana.

– Também te amo.

Jeannie entrou no carro e foi embora.

Ela estava abalada e inquieta, cheia de sentimentos mal resolvidos em relação à mãe, a Patty e ao pai que não estava lá. Pegou a Rodovia Interestadual 70 e saiu dirigindo em alta velocidade, cortando os carros. Perguntou-se o que fazer com o resto do dia, então lembrou que iria jogar tênis às seis, depois tomar cerveja e comer pizza com um grupo de alunos da pós-graduação e jovens professores do departamento de psicologia da Jones Falls. Seu primeiro pensamento foi cancelar toda a programação. Mas ela não queria ficar em casa ruminando aquilo tudo. Decidiu que iria jogar tênis: o exercício vigoroso a faria se sentir melhor. Depois iria até o Andy's Bar, ficaria lá por uma hora mais ou menos e voltaria para casa cedo.

Mas não foi isso que aconteceu.



Seu oponente no tênis era Jack Budgen, o bibliotecário-chefe da universidade. Ele havia jogado em Wimbledon e, embora já tivesse 50 anos e nenhum cabelo na cabeça, ainda estava em forma, e todas as suas antigas

habilidades continuavam lá. Jeannie nunca tinha jogado em Wimbledon. O auge de sua carreira foi obter uma vaga na equipe olímpica de tênis dos Estados Unidos enquanto ainda estava na graduação. Mas ela era mais forte e mais rápida do que Jack.

Eles jogavam em uma das quadras de tênis de saibro vermelho no campus da Jones Falls. A partida estava equilibrada e atraiu uma pequena multidão de espectadores. Não havia código de vestimenta, mas Jeannie sempre jogava com short branco e camisa polo branca. Tinha longos cabelos escuros, que não eram sedosos e lisos como os de Patty, e sim cacheados e indomáveis, então os prendia sob o boné.

O saque de Jeannie era uma bomba, e seu backhand cruzado com as duas mãos, fatal. Não havia muito que Jack pudesse fazer quanto ao saque, mas, depois dos primeiros games, ele garantiu que ela não tivesse muitas chances de usar o backhand. Ele fez uma partida inteligente, conservando energia, deixando Jeannie cometer erros. Ela jogou com agressividade demais, cometendo duplas faltas e correndo para a rede muito cedo. Em um dia normal, supôs, teria sido capaz de vencê-lo, mas naquele dia sua concentração estava abalada e ela não conseguia antecipar o jogo dele. Cada um ganhou um set, o terceiro chegou a 5-4 a favor dele, e lá foi ela sacar para se manter na partida.

O game ficou empatado duas vezes, depois Jack marcou um ponto e ficou com a vantagem. Jeannie sacou na rede, e ouviu-se um arquejo vindo da pequena multidão. Em vez de um segundo serviço normal e mais lento, ela arriscou tudo e sacou novamente como se fosse um primeiro serviço. Jack apenas aparou a bola com a raquete e a devolveu para o backhand dela. Ela rebateu com força e correu para a rede. Mas Jack não estava tão desequilibrado como fingira estar e devolveu um lob perfeito que passou por cima da cabeça dela e caiu sobre a linha de fundo, vencendo a partida.

Jeannie ficou olhando para a bola, as mãos na cintura, furiosa consigo mesma. Embora houvesse anos que não jogava a sério, mantinha aquela competitividade obstinada que tornava a derrota algo tão difícil de aceitar. Então controlou os nervos, abriu um sorriso e voltou-se para ele.

– Bela jogada! – disse, caminhando até a rede e apertando a mão dele.

Houve uma salva de palmas dos espectadores.

Um jovem se aproximou dela.

– Ei, excelente partida! – disse ele com um sorriso largo.

Jeannie olhou para ele de relance. Era bem gato: alto e atlético, cabelo curto louro e encaracolado, belos olhos azuis, e estava dando em cima dela com tudo.

Ela não estava no clima.

– Obrigada – respondeu secamente.

Ele sorriu de novo, um sorriso confiante e relaxado que indicava que a maioria das garotas ficava feliz quando ele falava com elas, independentemente de o papo estar fazendo algum sentido.

– Sabe, eu também joga tênis mais ou menos e estava pensando...

– Se você joga tênis *mais ou menos*, provavelmente não está no mesmo nível que eu – rebateu ela, passando por ele.

Atrás dela, ela o ouviu dizer em tom bem-humorado:

– Devo supor que um jantar romântico seguido de uma noite de amor está fora de questão, então?

Jeannie não pôde deixar de sorrir, ao menos pela persistência dele, e havia sido mais rude que o necessário. Virou a cabeça e falou por cima do ombro, sem parar de caminhar:

– Sim, mas agradeço a proposta.

Jeannie deixou a quadra e se dirigiu ao vestiário. Ela se perguntou o que a mãe estaria fazendo. Àquela hora, já devia ter jantado: eram sete e meia, e em lugares como aquele eles sempre serviam as refeições cedo. Ela provavelmente estaria assistindo à TV na sala de convivência. Talvez fizesse uma amiga, uma mulher de sua idade que tolerasse seu esquecimento e se interessasse pelas fotos de seus netos. A mãe tinha muitas amigas – as outras mulheres do salão, algumas de suas clientes, vizinhas, pessoas que ela conhecia havia 25 anos –, mas era difícil para elas manter a amizade, uma vez que ela sempre esquecia quem eram.

Ao passar pelo campo de hóquei, esbarrou com Lisa Hoxton. Lisa foi a primeira amiga de verdade que Jeannie fizera desde que chegara à Jones Falls, um mês antes. Ela era técnica do laboratório de psicologia. Tinha um bacharelado em ciência, mas não quis seguir a carreira acadêmica. Assim como Jeannie, vinha de uma família pobre e se sentia um pouco intimidada pela arrogância da Jones Falls, típica das universidades de elite. A conexão entre elas fora instantânea.

– Um *moleque* veio dar em cima de mim – disse Jeannie com um sorriso.

– Como ele era?

– Parecia o Brad Pitt, só que mais alto.

– Você falou que tinha uma amiga da idade dele? – perguntou Lisa.

Ela tinha 24 anos.

– Não. – Jeannie olhou por cima do ombro, mas o homem não estava à vista. – Vamos continuar andando. Vai que ele está me seguindo.

– Isso seria ruim?

– Faça-me o favor.

– Jeannie, é dos esquisitos que a gente tem que fugir.

– Para com isso!

– Você podia ter dado o meu número pra ele.

– Eu deveria ter dado o número do seu sutiã.

A amiga tinha seios grandes.

Lisa parou. Por um segundo, Jeannie achou que tinha ido longe demais e ofendido Lisa. Ela começou a formular um pedido de desculpas, mas Lisa disse:

– Que ideia maravilhosa! “Meu sutiã é 36D. Para mais informações, ligue para este número.” É bem sutil também.

– Eu só estou com inveja. Sempre quis ter peitão – confessou Jeannie, e as duas riram. – Mas é verdade: eu rezava pra ter peito grande. Fui praticamente a última garota da minha turma a ficar menstruada. Era constrangedor.

– Você realmente dizia “Senhor Deus, por favor, faça meus peitos crescerem”, ajoelhada ao lado da cama?

– Na verdade eu rezava pra Virgem Maria. Achava que era mais uma coisa de menina. E eu não dizia peitos.

– O que você dizia? Seios?

– Não, eu não imaginava que pudesse dizer “seios” pra Virgem Maria.

– Você chamava como, então?

– Tetas.

Lisa começou a rir.

– Não sei de onde tirei isso. Me pareceu mais técnico, sei lá. Nunca contei isso pra ninguém na minha vida.

Lisa olhou para trás.

– Bom, não estou vendo nenhum gatinho seguindo a gente. Acho que despistamos o Brad Pitt.

– Que ótimo. Ele é exatamente o meu tipo: bonito, sexy, seguro de si e cem por cento não confiável.

– Como sabe que ele não é confiável? Só estive com ele por vinte segundos.

– Nenhum homem é confiável.

– Provavelmente você tem razão. Vai no Andy's hoje à noite?

– Sim, mas só por uma horinha mais ou menos. Tenho que tomar banho primeiro.

A camisa dela estava molhada de suor.

– Eu também. – Lisa estava de short e tênis. – Tenho corrido com as meninas do time de hóquei. Por que só uma horinha?

– Tive um dia difícil. – O jogo havia distraído Jeannie, mas ela sentia novamente o corpo contraído com a angústia retornando. – Precisei colocar a minha mãe numa casa de repouso.

– Ah, Jeannie, sinto muito.

Jeannie contou a ela a história enquanto entravam no edifício do ginásio e desciam as escadas até o subsolo. No vestiário, Jeannie avistou o reflexo delas no espelho. Eram tão diferentes na aparência que quase pareciam uma dupla de comediantes. Lisa tinha uma estatura um pouco abaixo da média e Jeannie tinha quase 1,80 metro. Lisa era loira e curvilínea, ao passo que Jeannie tinha pele escura e era musculosa. Lisa tinha um rosto delicado, com sardas espalhadas em um nariz pequeno e arrebitado e uma boca que parecia um arco. A maioria das pessoas descrevia Jeannie como marcante, e os homens às vezes diziam que ela era atraente, mas ninguém nunca a elogiava pela beleza.

– E o seu pai? – perguntou Lisa enquanto tiravam as peças de roupa suas. – Você nunca falou dele.

Jeannie deu um suspiro. Era a pergunta que aprendera a temer, mesmo quando era pequena, mas invariavelmente ela surgia, mais cedo ou mais tarde. Por muitos anos ela mentira, dizendo que o pai estava morto, que havia desaparecido ou que se casara novamente e tinha ido trabalhar na Arábia Saudita. Ultimamente, porém, vinha dizendo a verdade.

– Meu pai está preso – disse ela.

– Ah, meu Deus. Eu não devia ter perguntado.

– Tudo bem. Ele passou a maior parte da minha vida na cadeia. É a terceira vez que vai preso. Sempre por roubo, com invasão de propriedade.

– De quanto tempo é a sentença dele?

– Não me lembro. Não importa. Ele não vai servir de nada quando sair. Nunca cuidou da gente e não é agora que vai começar.

– Ele nunca teve um emprego normal?

– Só quando planejava roubar o local. Aí ele passava umas duas semanas trabalhando como zelador, porteiro ou segurança do lugar.

Lisa se virou para ela, com olhos astutos.

– É por isso que você se interessa tanto pela genética da criminalidade?

– Talvez.

– Provavelmente não. – Lisa fez um gesto com a mão como se estivesse enxotando algo. – Detesto psicologia barata!

As duas seguiram em direção aos chuveiros. Jeannie demorava mais lavando o cabelo. Ela era grata pela amizade de Lisa, que estava na Jones Falls havia pouco mais de um ano e mostrara o campus para Jeannie quando ela chegou lá, no início do semestre. Jeannie gostava de trabalhar com Lisa no laboratório porque ela era absolutamente confiável, e gostava de sair com ela depois do trabalho porque sentia que poderia dizer qualquer coisa que viesse à sua mente sem medo de chocá-la.

Jeannie estava passando condicionador no cabelo quando ouviu ruídos estranhos. Parou para escutar. Pareciam gritos de pavor. Seu corpo se arrepiou a ponto de estremecer. De repente sentiu-se muito vulnerável: nua, molhada, no subsolo do edifício. Ela hesitou, depois rapidamente enxaguou o cabelo antes de sair do chuveiro para ver o que estava acontecendo.

Sentiu o cheiro de queimado assim que saiu de baixo da água. Não conseguia ver o fogo, mas havia nuvens grossas de fumaça preta e cinza perto do teto. Pareciam estar vindo pela ventilação.

Ela sentiu medo. Nunca tinha estado em um incêndio.

Algumas mulheres mais calmas pegavam suas bolsas e se dirigiam para a porta. Outras começavam a ficar desesperadas, gritando umas com as outras com vozes assustadas e correndo de um lado para outro inutilmente. Algum segurança idiota, com um lenço de bolinhas amarrado sobre o nariz e a boca, as estava deixando ainda mais assustadas ao andar para cima e para baixo, empurrando-as e gritando ordens.

Jeannie sabia que não deveria continuar lá dentro só para se vestir, só que não conseguiria sair nua do prédio. O medo corria em suas veias feito água gelada, mas ela conseguiu se acalmar. Encontrou seu escaninho no guarda-volumes. Não conseguia ver Lisa em lugar algum. Agarrou suas roupas, vestiu a calça jeans e enfiou a camiseta pela cabeça.

Demorou apenas alguns segundos, mas nesse meio-tempo o vestiário se esvaziou de pessoas e se encheu de fumaça. Ela não conseguia mais ver a porta e começou a tossir. A ideia de não conseguir respirar a assustou. *Eu sei onde fica a porta e só preciso manter a calma*, disse a si mesma. Suas chaves e seu dinheiro estavam nos bolsos da calça jeans. Pegou a raquete de tênis.

Prendendo a respiração, caminhou rapidamente em meio aos guarda-vo-lumes até a saída.

O corredor estava cheio de fumaça e seus olhos começaram a lacrime-
jar de tal maneira que ela não conseguia enxergar. Naquele momento ela
desejou ter permanecido nua e ganhado alguns segundos preciosos. Estar
vestida não a ajudava em nada a ver ou a respirar naquela névoa fumacenta.
E de nada importava estar nua se estivesse morta.

Mantinha uma das mãos trêmulas na parede para lhe dar algum senso de
direção enquanto corria ao longo do corredor, ainda prendendo a respira-
ção. Achava que talvez fosse esbarrar em outras mulheres, mas todas pare-
ciam ter saído antes dela. Quando a parede acabou, ela soube que estava no
pequeno saguão, embora não pudesse ver nada além de nuvens de fumaça.
A escada deveria estar bem à frente dela. Cruzou o saguão e se chocou con-
tra a máquina de refrigerantes. A escada estava à esquerda ou à direita? À
esquerda, concluiu. Indo nessa direção, deu de cara com a porta do vestiário
masculino e percebeu que fizera a escolha errada.

Ela não conseguia mais prender a respiração. Com um gemido, puxou
o ar para dentro. Inalou principalmente fumaça, e isso a fez tossir sem
parar. Cambaleou para trás ao longo da parede, atormentada pela tosse, as
narinas ardendo, os olhos lacrimejando, mal conseguindo ver as próprias
mãos à frente. Com todas as suas forças, ansiou por um sopro de ar puro,
algo a que não dera o devido valor ao longo de 29 anos de vida. Seguiu a
parede até a máquina de refrigerantes e a contornou. Soube que havia en-
contrado a escada quando tropeçou no primeiro degrau. Deixou a raquete
cair e ela desapareceu. Era especial – havia vencido o torneio universitário
com ela –, mas a deixou para trás e subiu a escada engatinhando sobre as
mãos e os joelhos.

A fumaça diminuiu repentinamente quando ela alcançou o espaçoso
saguão do térreo. Conseguiu enxergar as portas do prédio, que estavam
abertas. Um segurança estava parado do lado de fora, acenando para ela
e gritando: “Vamos!” Tossindo e engasgando, ela cambaleou pelo saguão e
saiu para o abençoado ar fresco.

Jeannie ficou de pé nos degraus por dois ou três minutos, o corpo cur-
vado para a frente, respirando fundo e expelindo a fumaça dos pulmões.
Quando sua respiração finalmente começou a voltar ao normal, ouviu o
barulho de uma sirene à distância. Ela olhou em volta procurando Lisa, mas
não conseguiu vê-la.

Será que havia alguma chance de ela estar lá dentro? Ainda trêmula, Jeannie se moveu no meio da multidão, examinando os rostos das pessoas. Agora que estavam fora de perigo, era possível ouvir muitas risadas nervosas. A maioria das alunas estava mais ou menos despida, então havia uma atmosfera curiosamente íntima. Aquelas que tinham conseguido resgatar suas bolsas emprestavam peças de roupa sobressalentes para as menos afortunadas. Mulheres nuas se mostravam gratas pelas camisetas sujas e suadas de suas amigas. Várias delas estavam cobertas apenas por uma toalha.

Lisa não estava em meio à multidão. Sentindo uma ansiedade crescente, Jeannie voltou até o segurança que estava na porta.

– Acho que a minha amiga está lá dentro – informou, percebendo a própria voz tremer de medo.

– Eu não vou atrás dela – disse ele imediatamente.

– Mas que homem corajoso! – retrucou Jeannie.

Ela não tinha certeza do que queria que ele fizesse, mas não esperava que se mostrasse tão inútil.

O ressentimento transpareceu no rosto dele.

– Esse é o trabalho *deles* – disse o homem, apontando para um caminhão de bombeiros descendo a rua.

Jeannie estava começando a temer pela vida de Lisa, mas não sabia o que fazer. Observou, impaciente e desamparada, os bombeiros descerem do caminhão e colocarem o equipamento de proteção respiratória. Eles pareciam se mover tão devagar que ela teve vontade de sacudi-los e gritar: “Andem logo!”

Outro caminhão de bombeiros chegou, depois uma viatura policial branca com a faixa azul e prata do Departamento de Polícia de Baltimore.

Enquanto os bombeiros arrastavam uma mangueira para dentro do edifício, um policial foi até o segurança no saguão e perguntou:

– Onde acha que começou?

– No vestiário feminino – respondeu ele.

– E onde fica isso exatamente?

– No subsolo, na parte de trás.

– O subsolo tem quantas saídas?

– Só uma: a escada que dá no saguão principal, bem aqui.

Um funcionário da equipe de manutenção que estava por perto o contradisse:

– Tem uma escada na sala de máquinas da piscina que leva até uma escotilha de acesso nos fundos do prédio.

Jeannie chamou a atenção do policial e disse:

– Acho que ainda pode ter uma pessoa lá dentro.

– Homem ou mulher?

– Mulher. Vinte e quatro anos, baixa e loura.

– Se ela estiver lá, a gente vai encontrar.

Por um momento, Jeannie ficou mais tranquila. Então percebeu que ele não havia prometido encontrá-la viva.

O segurança que gritara no vestiário não estava ali. Jeannie contou ao bombeiro:

– Tinha outro segurança lá embaixo, mas não estou vendo ele aqui. Um cara alto.

– Não tem nenhum outro segurança no prédio – informou o segurança do saguão.

– Bom, ele usava um boné escrito SEGURANÇA e estava pedindo que as pessoas evacuassem o prédio.

– Não me interessa o que tinha escrito no boné...

– Ah, pelo amor de Deus, para de discutir comigo! – retrucou Jeannie. – Pode ser que eu tenha visto coisas, mas, se não for o caso, a vida dele pode estar em perigo!

Em pé, ouvindo-os, havia uma garota vestindo calça cáqui masculina com as bainhas enroladas.

– Eu vi esse cara. Um idiota – disse ela. – Ele passou a mão em mim.

– Fiquem calmas, vamos encontrar todo mundo. Obrigado pela cooperação de vocês – declarou o bombeiro.

E saiu.

Jeannie encarou o segurança do saguão por um momento. Ela sentiu que o bombeiro a havia dispensado como se ela fosse uma mulher histérica por ter gritado com o guarda. Virou as costas para ele, revoltada. O que deveria fazer agora? Os bombeiros correram para dentro usando capacetes e botas. Ela estava descalça e vestia uma camiseta. Se tentasse acompanhá-los, eles a expulsariam. Cerrou os punhos, aflita. *Pense, pense! Onde mais Lisa pode estar?*

O ginásio ficava ao lado do prédio do Instituto de Psicologia Ruth W. Acorn, batizado em homenagem à esposa de um benfeitor, mas chamado até mesmo pelos professores de Hospício. *Será que Lisa pode ter entrado lá? As*

portas estariam trancadas no domingo, mas ela provavelmente tinha uma chave. Talvez houvesse corrido para dentro a fim de encontrar um jaleco para se cobrir, ou apenas para se sentar em sua mesa e se recuperar. Jeannie decidiu verificar. Qualquer coisa era melhor que ficar ali sem fazer nada.

Jeannie correu pelo gramado até a entrada principal do Hospício e olhou pelas portas de vidro. Não havia ninguém no saguão. Tirou do bolso o cartão de plástico que servia de chave e o passou no leitor. A porta se abriu. Subiu as escadas correndo, chamando: “Lisa! Você está aí?” O laboratório estava deserto. A cadeira de Lisa estava cuidadosamente enfiada sob a mesa e a tela do computador, desligada. Jeannie tentou o banheiro feminino no final do corredor. Nada.

– Droga! – disse, em pânico. – Onde você se meteu?

Ofegante, correu de volta para o lado de fora. Decidiu contornar o edifício onde ficava o ginásio, caso Lisa estivesse sentada no chão em algum lugar para recuperar o fôlego. Correu pela lateral do prédio, passando por um gramado cheio de latas de lixo gigantes. Nos fundos havia um pequeno estacionamento. Viu uma silhueta correndo ao longo da trilha, indo embora. Era alta demais para ser Lisa, e Jeannie tinha certeza de que era um homem. Pensou que talvez fosse o segurança desconhecido, mas antes que o identificasse ele desapareceu, virando na direção do diretório acadêmico.

Continuou caminhando ao redor do prédio. Do outro lado ficava a pista de corrida, então deserta. Dando a volta completa, chegou à frente do ginásio.

A multidão era ainda maior e havia mais carros de bombeiros e viaturas de polícia, mas ela ainda não conseguiu achar Lisa. Parecia quase certo que ela ainda estaria no prédio em chamas. A sensação de que uma desgraça havia acontecido se apoderou de Jeannie e ela lutou contra isso. *Você não pode simplesmente deixar isso acontecer!*

Jeannie avistou o bombeiro com quem havia falado antes. Agarrou o braço dele.

– Tenho quase certeza de que Lisa Hoxton está lá dentro – disse com urgência. – Já procurei por toda parte.

Ele dirigiu a ela um olhar sério e pareceu concluir que era confiável. Sem lhe falar nada, aproximou o rádio da boca.

– Procurem por uma jovem branca que se acredita estar dentro do prédio. O nome dela é Lisa, repito, Lisa.

– Obrigada – disse Jeannie.

Ele acenou com a cabeça e se afastou.

Jeannie ficou feliz por ele tê-la ouvido, mas ainda assim não conseguia relaxar. Lisa podia ter ficado presa lá dentro, trancada em uma cabine do banheiro ou encurralada pelas chamas, gritando por socorro sem ser ouvida, ou podia ter caído, batido com a cabeça e apagado, ou sucumbido à fumaça e estar deitada inconsciente com o fogo se aproximando dela a cada segundo.

Jeannie se lembrou do funcionário da manutenção dizendo que havia outra entrada para o subsolo. Não a havia notado enquanto dava a volta no prédio do ginásio. Decidiu olhar novamente. Voltou para os fundos do edifício.

Ela viu imediatamente. A escotilha ficava localizada no chão, perto do prédio, e estava parcialmente coberta por um Chrysler New Yorker prata. O alçapão de aço estava aberto, encostado contra a parede do edifício. Jeannie se ajoelhou perto do buraco quadrado e se abaixou para olhar lá dentro.

Uma escada descia até um cômodo imundo iluminado por lâmpadas fluorescentes. Ela podia ver máquinas e muitos canos. Havia resquícios de fumaça no ar, mas não nuvens pesadas: a área devia ser isolada do restante do subsolo. No entanto, o cheiro da fumaça a lembrou de como tossira e engasgara enquanto procurava cegamente pela escada, e sentiu seu coração bater mais rápido com a sensação.

– Tem alguém aí? – chamou. Pensou ter ouvido um som, mas não teve certeza. Gritou mais alto. – Olá?

Não houve resposta.

Ela hesitou. A coisa mais sensata a fazer seria voltar para a frente do prédio e buscar um bombeiro, mas isso poderia demorar muito, especialmente se o bombeiro resolvesse interrogá-la. A alternativa era descer a escada e dar uma olhada.

Suas pernas fraquejaram com a ideia de voltar a entrar no prédio. Seu peito ainda doía por conta dos violentos espasmos de tosse causados pela fumaça. Mas Lisa podia estar lá embaixo, machucada e incapaz de se mover, ou presa por escombros, ou simplesmente desmaiada. Jeannie tinha que verificar.

Criou coragem e colocou o pé na escada. Seus joelhos estavam fracos e ela quase caiu. Parou. Depois de um momento, se sentiu mais forte e deu um passo para baixo. Então um sopro de fumaça ficou preso em sua garganta, fazendo-a tossir, e ela subiu de volta.

Quando parou de tossir, tentou novamente.

Desceu um degrau, depois outro. *Se a fumaça me fizer tossir, eu saio na hora*, disse a si mesma. O terceiro degrau foi mais fácil e depois disso ela desceu depressa, saltando do último degrau para o chão de concreto.

Viu-se em um cômodo grande cheio de bombas e filtros, provavelmente da piscina. O cheiro de fumaça era forte, mas ela conseguia respirar normalmente.

Jeannie viu Lisa de imediato, e a cena a fez arfar.

A amiga estava deitada de lado, encolhida em posição fetal, nua. Havia uma mancha do que parecia ser sangue em sua coxa. Ela não se movia.

Por um segundo, o corpo de Jeannie se contraiu de medo.

Ela tentou se controlar.

– Lisa! – gritou.

Pôde ouvir o tom agudo do desespero na própria voz e respirou fundo para manter a calma.

Por favor, Deus, que ela esteja bem. Cruzou o cômodo em meio ao emaranhado de tubulações e se ajoelhou ao lado da amiga.

– Lisa?

Lisa abriu os olhos.

– Graças a Deus – disse Jeannie. – Achei que tivesse morrido.

Lisa se sentou lentamente. Não olhou para Jeannie. Seus lábios estavam machucados.

– Ele... ele me estuprou – disse.

O alívio de Jeannie ao encontrá-la viva foi substituído por uma sensação nauseante de horror que dominou seu coração.

– Meu Deus! Aqui?

Lisa fez que sim com a cabeça.

– Ele disse que a saída era por aqui.

Jeannie fechou os olhos. Sentiu a dor e a humilhação de Lisa, a sensação de ser invadida, violada e desmoralizada. Lágrimas surgiram em seus olhos e ela se esforçou para contê-las. Por um instante, sentiu-se fraca e nauseada demais para dizer qualquer coisa.

Então tentou se recompor.

– Quem era ele?

– Um segurança.

– Com um lenço de bolinhas cobrindo o rosto?

– Ele tirou. – Lisa virou o rosto. – Não parava de sorrir.

A informação fazia sentido. A garota de calça cáqui contara que um segurança a havia apalpado. O segurança do saguão tinha certeza de que não havia nenhum outro no prédio.

– Ele não era segurança – disse Jeannie.

Ela o tinha visto correndo para longe apenas alguns minutos antes. Uma onda de raiva a invadiu ao pensar que ele tinha feito aquela coisa terrível bem ali, no campus, no ginásio, onde todos se sentiam seguros para tirar a roupa e tomar banho. Isso fez suas mãos tremerem, e ela teve vontade de ir atrás dele e estrangulá-lo.

Então ouviu ruídos altos: homens gritando, passos pesados e um barulho de água. Eram os bombeiros e suas mangueiras.

– Olha só, a gente está correndo perigo aqui – disse com urgência. – Precisamos sair do prédio.

O tom de voz de Lisa não trazia qualquer emoção:

– Eu não tenho roupa.

Podemos morrer aqui dentro!, pensou Jeannie.

– Não se preocupe com isso. Todo mundo lá fora está sem roupa.

Jeannie examinou a sala apressadamente e viu o sutiã e a calcinha de renda vermelha de Lisa em uma pilha atirada sob um tanque. Ela os pegou.

– Veste isso. Está sujo, mas é melhor que nada.

Lisa permaneceu sentada no chão, olhando fixamente para o vazio.

Jeannie lutou contra um sentimento de pânico. O que poderia fazer se Lisa se recusasse a se mover? Provavelmente poderia pegar Lisa no colo, mas conseguiria carregá-la escada acima?

– Vamos, levanta! – gritou.

Então pegou as mãos de Lisa e a pôs de pé.

Por fim Lisa olhou nos olhos dela.

– Jeannie, foi horrível – disse.

Jeannie envolveu os ombros de Lisa e a abraçou com força.

– Eu sinto muito, Lisa. Sinto muito mesmo.

A fumaça estava ficando mais densa, apesar da porta pesada. Em seu coração, a pena que sentia da amiga deu lugar ao medo.

– A gente tem que sair daqui. O prédio está pegando fogo. Pelo amor de Deus, veste isso!

Lisa começou a se mexer. Colocou a calcinha e afevelou o sutiã. Jeannie a segurou pela mão e a conduziu até a escada junto à parede, então a fez subir primeiro. Enquanto Jeannie a seguia, a porta se abriu e um bombeiro

entrou junto com uma nuvem de fumaça. A água girava em torno de suas botas. Ele pareceu surpreso ao vê-las.

– Estamos bem. Vamos sair por aqui – gritou Jeannie para ele e subiu a escada atrás de Lisa.

Um minuto depois, elas estavam do lado de fora, ao ar livre.

Jeannie sentiu-se fraca de alívio: ela havia salvado Lisa do incêndio. Mas agora Lisa precisava de ajuda. Jeannie passou o braço em torno dos ombros dela e a conduziu até a frente do prédio. Havia caminhões de bombeiros e viaturas da polícia estacionados em todas as direções da rua. A maioria das mulheres na multidão havia encontrado algo com que cobrir sua nudez, e Lisa chamava atenção em sua lingerie vermelha.

– Alguém tem uma calça sobrando ou qualquer outra coisa? – implorou Jeannie enquanto elas abriam caminho no meio da multidão.

As pessoas já haviam distribuído todas as suas roupas sobressalentes. Jeannie teria dado a Lisa sua camiseta, mas não estava usando sutiã por baixo.

Finalmente um homem negro e alto tirou a própria camisa e a entregou a Lisa.

– Vou querer de volta. É da Ralph Lauren – disse ele. – Mitchell Waterfield, departamento de matemática.

– Eu vou lembrar – disse Jeannie, agradecida.

Lisa se vestiu. Ela era baixinha, e a camisa chegava aos seus joelhos.

Jeannie sentiu que estava conseguindo retomar o controle daquele pesadelo. Levou Lisa até os veículos de emergência. Três policiais estavam encostados em uma viatura, sem fazer nada. Jeannie falou com o mais velho dos três, um homem branco gordo com bigode grisalho.

– O nome desta mulher é Lisa Hoxton. Ela foi estuprada.

Ela esperava que eles ficassem chocados com a notícia de que um grande crime havia sido cometido, mas a reação deles foi surpreendentemente indiferente. Demoraram alguns segundos para assimilar a informação, e Jeannie já se preparava para partir para cima deles quando o bigodudo se levantou do capô do carro e indagou:

– Onde foi que isso aconteceu?

– No subsolo do prédio que estava pegando fogo, na sala das máquinas da piscina, nos fundos.

Um dos policiais, um jovem negro, disse:

– Os bombeiros devem estar lavando as provas neste segundo, sargento.

– Tem razão – respondeu o homem mais velho. – É melhor você descer

lá, Lenny, e proteger a cena do crime. – Lenny saiu correndo. O sargento se virou para Lisa. – Você conhece o homem que fez isso, Srta. Hoxton?

Lisa fez que não com a cabeça. Jeannie se pronunciou:

– Foi um homem branco, alto, com um boné vermelho com a palavra SEGURANÇA na frente. Eu o vi no vestiário feminino logo depois que o incêndio começou e acho que o vi fugindo pouco antes de encontrar a Lisa.

O policial enfiou a mão no carro e puxou o microfone do rádio. Ele falou por um tempo e depois desligou novamente.

– Se ele for burro o suficiente pra continuar com o boné, pode ser que a gente o pegue – disse. Depois se dirigiu ao terceiro policial: – McHenty, leva a vítima pro hospital.

McHenty era um jovem branco de óculos.

– Quer sentar na frente ou atrás? – perguntou.

Lisa não disse nada, mas parecia apreensiva.

Jeannie a ajudou.

– Vai na frente, assim não fica parecendo que você foi presa.

Um olhar apavorado cruzou o rosto de Lisa e ela finalmente falou:

– Você não vem comigo?

– Eu vou se você quiser – disse Jeannie de maneira tranquilizadora. – Ou posso passar no meu apartamento e pegar algumas roupas pra você e te encontrar no hospital.

Lisa olhou para McHenty, preocupada.

– Vai ficar tudo bem agora, Lisa – assegurou Jeannie.

McHenty abriu a porta da viatura e Lisa entrou.

– Qual hospital? – perguntou Jeannie.

– Santa Teresa – respondeu ele antes de entrar no carro.

– Chego lá em alguns minutos – informou Jeannie enquanto o carro se afastava.

Ela correu até o estacionamento dos professores, já lamentando não ter ido com Lisa. A expressão da amiga ao sair de lá era de desespero e pavor. É claro que ela precisava de roupas limpas, mas talvez sua necessidade mais urgente fosse ter outra mulher para ficar com ela, segurar sua mão e tranquilizá-la. Provavelmente a última coisa que ela queria era ser deixada sozinha com um homem armado. Ao entrar no carro, Jeannie se deu conta de que havia feito besteira.

– Meu Deus, que dia – disse enquanto arrancava para fora do estacionamento.

Ela não morava muito longe do campus. Seu apartamento ficava no segundo andar de uma pequena casa geminada. Jeannie estacionou em fila dupla e correu para dentro.

Lavou as mãos e o rosto apressadamente; em seguida, vestiu roupas limpas. Pensou por um momento em qual de suas roupas serviria em Lisa, no corpo baixo e curvilíneo da amiga. Pegou uma camisa polo larga e uma calça de moletom com elástico na cintura. A roupa íntima era mais difícil. Encontrou uma cueca samba-canção folgada que poderia servir, mas nenhum de seus sutiãs caberia nela. Lisa teria que ficar sem. Pegou um par de mocassins, enfiou tudo em uma bolsa e saiu correndo de novo.

Enquanto dirigia até o hospital, seu humor mudou. Desde o início do incêndio ela estava concentrada no que tinha que fazer. Agora começava a ficar furiosa. Lisa era uma mulher feliz e extrovertida, mas o choque e o horror do que acontecera a haviam transformado em um zumbi, receosa de entrar sozinha em uma viatura policial.

Dirigindo por uma rua de muito comércio, Jeannie começou a procurar o cara de boné vermelho, imaginando que, se o visse, iria arremessar o carro na calçada e atropelá-lo. Mas na verdade ela não o reconheceria. Ele devia ter tirado o lenço e provavelmente o boné também. O que mais ele estava vestindo? Ficou chocada ao perceber que mal conseguia se lembrar. *Algum tipo de camiseta*, pensou, *com calça jeans ou talvez uma bermuda*. De qualquer modo, ele podia já ter trocado de roupa, assim como ela.

Efetivamente, poderia ser qualquer homem branco e alto na rua: o entregador de pizza de casaco vermelho; o careca indo para a igreja com a esposa, um hinário debaixo do braço; o barbudo bonitão carregando um estojo de violão; até mesmo o policial falando com um morador de rua do lado de fora da loja de bebidas. Não havia nada que Jeannie pudesse fazer com sua raiva, e ela agarrou o volante com mais força até que os nós dos dedos ficaram brancos.

O Santa Teresa era um hospital imenso, próximo aos limites da cidade ao norte. Jeannie deixou o carro no estacionamento e encontrou o setor de emergência. Lisa já estava na cama, vestindo uma camisola de hospital e olhando para o nada. Um aparelho de TV sem som exibia a cerimônia de premiação do Emmy: centenas de celebridades de Hollywood em trajes de gala bebendo champanhe e se parabenizando. McHenty estava sentado ao lado da cama com um bloco de anotações sobre os joelhos.

Jeannie largou a bolsa no chão.

– Eu trouxe as roupas. O que está acontecendo?

Lisa permaneceu calada e sem expressão. *Ela ainda está em choque*, pensou Jeannie. Estava reprimindo seus sentimentos, lutando para permanecer no controle. Mas em algum momento teria que demonstrar sua raiva. Mais cedo ou mais tarde acabaria explodindo.

– Preciso tomar nota de alguns detalhes do caso, senhorita – disse McHenty. – Você poderia nos dar licença por mais alguns minutos?

– Sim, claro – disse Jeannie, desculpando-se. Então ela percebeu algo no olhar de Lisa e hesitou. Alguns minutos antes, ela estava se xingando por ter deixado Lisa sozinha com um homem. Agora estava prestes a fazer isso de novo. – Pensando melhor, pode ser que a Lisa prefira que eu fique.

Sua intuição se confirmou quando Lisa deu um aceno quase imperceptível com a cabeça. Jeannie se sentou na cama e pegou a mão da amiga.

McHenty pareceu irritado, mas não discutiu.

– Eu estava perguntando à Srta. Hoxton sobre o que ela fez para tentar resistir ao ataque – explicou ele. – Você gritou, Lisa?

– Uma vez, quando ele me jogou no chão – disse ela em voz baixa. – Aí ele puxou a faca.

O tom de voz de McHenty era pragmático, e ele olhava para o bloco de papel enquanto falava.

– Você tentou lutar contra ele?

Ela negou com a cabeça.

– Fiquei com medo de ele me esfaquear.

– Então, depois do primeiro grito você não ofereceu de fato nenhuma resistência?

Ela balançou a cabeça e começou a chorar. Jeannie apertou a mão dela. Queria dizer a McHenty: *Que diabo ela devia ter feito?* Mas ficou em silêncio. Já havia sido grosseira com o cara que parecia o Brad Pitt, feito um comentário maldoso sobre os seios de Lisa e gritado com o segurança do ginásio. Sabia que não era boa em lidar com figuras de autoridade e estava decidida a não criar inimizade com um policial que estava apenas tentando fazer seu trabalho.

McHenty prosseguiu:

– Pouco antes de penetrar em você, ele separou suas pernas à força?

Jeannie estremeceu. Será que não deveriam ter policiais do sexo feminino para fazer aquelas perguntas?

– Ele tocou a minha coxa com a ponta da faca – respondeu Lisa.

- Ele cortou você?
- Não.
- Então você abriu as pernas voluntariamente.
- Se um suspeito aponta uma arma pra um policial, você geralmente atira nele, não é? Chama isso de *voluntário*?
- McHenty olhou irritado para ela.
- Por favor, deixe que eu cuido disso, senhorita. – Ele se voltou para Lisa.
- Você tem algum ferimento?
- Sim, estou sangrando.
- Isso é resultado da relação sexual forçada?
- Sim.
- Onde você está ferida exatamente?
- Jeannie não aguentava mais.
- Por que a gente não deixa o médico responder isso?
- O policial olhou para Jeannie como se ela fosse uma idiota.
- Eu tenho que fazer um relatório preliminar.
- Então anota aí que ela tem ferimentos internos por conta do estupro.
- Eu estou conduzindo este interrogatório.
- E eu estou pedindo pro senhor pegar leve – disse Jeannie, controlando a vontade de gritar com ele. – Minha amiga está nervosa, e não acho que ela precise descrever seus ferimentos internos a você, uma vez que será examinada por um médico a qualquer momento.
- McHenty parecia furioso, mas seguiu em frente:
- Percebi que você estava usando lingerie de renda vermelha. Acha que isso teve alguma relação com o que aconteceu?
- Lisa desviou o olhar, os olhos cheios de lágrimas.
- Se eu fosse notificar o roubo do meu Mercedes vermelho, você ia me perguntar se eu provoquei o roubo dirigindo um carro tão atraente?
- McHenty a ignorou.
- Já tinha visto o criminoso antes, Lisa?
- Não.
- Mas deve ter sido difícil você enxergar com clareza por causa da fumaça. E ele estava usando um lenço no rosto ou algo do tipo.
- No começo eu praticamente não via nada. Mas não tinha muita fumaça na sala onde... ele fez aquilo. Eu vi a cara dele. – Ela confirmou com a cabeça. – Eu vi.
- Então você o reconheceria se o visse de novo.

Lisa estremeceu.

– Sim, com certeza.

– Mas você nunca o viu antes, tipo num bar ou algum lugar assim.

– Não.

– Você frequenta bares, Lisa?

– Claro.

– Bares pra pessoas solteiras, esse tipo de coisa?

O sangue de Jeannie ferveu.

– Que porra de pergunta é essa?

– O tipo que os advogados de defesa fazem – disse McHenty.

– A Lisa não está sendo julgada. Ela não cometeu crime nenhum. Ela é a vítima!

– Você era virgem, Lisa?

Jeannie se levantou.

– Ok, chega. Eu não consigo acreditar que isso seja necessário. Você não deveria fazer essas perguntas invasivas.

McHenty levantou a voz:

– Estou tentando determinar o nível de credibilidade dela.

– Uma hora depois de ela ter sido estuprada? Nem pensar!

– Eu estou fazendo o meu trabalho...

– Acho que você não entende nada do seu trabalho. Acho que não entende nada de merda nenhuma, McHenty.

Antes que ele pudesse responder, um médico entrou sem bater. Era jovem e parecia incomodado e cansado.

– É o caso de estupro? – indagou.

– Esta é Lisa Hoxton – disse Jeannie com irritação. – Sim, ela foi estuprada.

– Vou precisar fazer uma coleta de material vaginal.

Ele não tinha tato, mas pelo menos forneceu uma desculpa para se livrarem de McHenty. Jeannie olhou para o policial. Ele ficou parado, como se achasse que iria supervisionar o exame. Jeannie interveio:

– Antes de fazer isso, doutor, será que o policial McHenty pode nos dar licença?

O médico fez uma pausa, olhando para McHenty. O policial deu de ombros e saiu.

O médico ergueu o lençol que cobria Lisa com um gesto abrupto.

– Levante a camisola e abra as pernas – ordenou.

Lisa começou a chorar.

Jeannie não conseguia acreditar. O que tinha na cabeça desses homens?

– Com licença, doutor – disse ela ao médico.

Ele olhou para ela, impaciente.

– Algum problema?

– Você poderia tentar ser um pouco mais gentil?

Ele ficou vermelho.

– O hospital está lotado de gente ferida e doente, correndo risco de vida – disse ele. – Neste momento, na emergência, tem três crianças que sofreram um acidente de carro e todas vão morrer. E você está reclamando que não estou sendo *gentil* com uma garota que foi pra cama com o cara errado?

Jeannie ficou atônita.

– Foi pra cama com o cara errado? – repetiu ela.

Lisa se sentou na cama.

– Eu quero ir pra casa – disse ela.

– Parece mesmo uma ótima ideia – concordou Jeannie.

Ela abriu o zíper da bolsa e começou a colocar as roupas em cima da cama.

O médico ficou sem reação por um momento. Depois declarou, com raiva:

– Faça o que achar melhor.

Jeannie e Lisa se entreolharam.

– Eu não acredito que isso aconteceu – comentou Jeannie.

– Graças a Deus eles foram embora – disse Lisa e desceu da cama.

Jeannie a ajudou a tirar a camisola do hospital. Lisa vestiu as roupas limpas rapidamente e calçou os mocassins.

– Vou levar você pra casa – informou Jeannie.

– Pode dormir comigo na minha casa? – perguntou Lisa. – Não quero ficar sozinha hoje à noite.

– Claro.

McHenty estava esperando do lado de fora. Parecia menos confiante. Talvez tivesse percebido como tinha sido equivocado no interrogatório.

– Ainda tenho umas perguntas – avisou.

Jeannie falou baixinho e com calma:

– Estamos indo embora. Lisa está transtornada demais pra responder às perguntas agora.

Ele pareceu quase assustado.

– Ela precisa responder – insistiu. – Ela fez uma acusação.

– Eu não fui estuprada – declarou Lisa. – Foi tudo um mal-entendido. Eu só quero ir pra casa agora.

– Você compreende que é crime fazer uma acusação falsa?

– Esta mulher não é uma criminosa – disse Jeannie, irritada. – Ela foi vítima de um crime. Se o seu chefe perguntar por que ela está retirando a acusação, explique que foi porque ela foi brutalmente assediada pelo policial McHenty, do Departamento de Polícia de Baltimore. Agora eu vou levá-la pra casa. Com licença, por favor.

Jeannie pôs o braço em volta dos ombros de Lisa e a conduziu, passando pelo policial, em direção à saída.

Ao saírem, ela o ouviu murmurar:

– Que foi que eu fiz?

CONHEÇA OS LIVROS DE KEN FOLLETT

Os pilares da Terra (e-book)

Mundo sem fim

Coluna de fogo

Um lugar chamado liberdade

As espãs do Dia D

Noite sobre as águas

O homem de São Petersburgo

A chave de Rebecca

O voo da vespa

Contagem regressiva

O buraco da agulha

Tripla espionagem

Uma fortuna perigosa

Notre-Dame

O crepúsculo e a aurora

O terceiro gêmeo

O SÉCULO

Queda de gigantes

Inverno do mundo

Eternidade por um fio

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

